SIDÉRIO ACAR

A ARTE
NA HISTORIA DOS POVOS

CONFERENCIA FEITA EM BARCELOS NO DIA 15 DE SETEMBRO DE 1931, PELO ESCULTOR ARMANDO CORREIA, POR OCASIÃO DA 1.ª EXPOSIÇÃO DO PINTOR MANOEL G. TORRES.

TIPOGRAFIA MARINHO
BARCELOS

)
03(091)(042)
CA

PREFERÍ COMPRAR
NA
Companhia Portuguesa Editora, L.da
Sucursal: Rua do Bomjardim, 166 a 170
TELEFONE, 4459
PORTO
LIVRARIA — PAPELARIA — TIPOGRAFIA
Material escolar e para escriptorio

N.º

Referencia: Armando Correia
Sidério Cesar
A arte na Hist. Povos

Preço 2$50

SIDÉRIO ACAR

A ARTE
NA HISTORIA DOS POVOS

CONFERENCIA FEITA EM BARCELOS NO DIA 15 DE SETEMBRO DE 1931, PELO ESCULTOR ARMANDO CORREIA, POR OCASIÃO DA 1.ª EXPOSIÇÃO DO PINTOR MANOEL G. TORRES.

TIPOGRAFIA MARINHO
BARCELOS

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA MUNICIPAL
Nº 60072
Reserva - Barcelliana

Legado
Álvaro Arezes L. Martins

A'

CIDADE DE BARCELOS

A ARTE NA HISTORIA DOS POVOS

I

A Arte é, induvitavelmente, a mais perfeita, a mais sublime e a mais bela obra do homem. E é tão perfeita, tão sublime e tão bela, que ainda hoje, depois de viver com ele desde a sua infancia, é a mais deslumbrante criação dos geneos.

E ainda alem destes predicados, ela é a maior amiga e companheira da humanidade, porque lhe prepectua a historia.

Vejamos, pois, o seu desenvolvimento desde a preistoria até ao seu maximo explendor na Grecia.

Desde que o homem apareceu no mundo, sentiu logo a necessidade de fazer arte: quer cavando a terra para fazer cavernas, quer cortando as árvores para fazer cabanas, a sua primeira missão foi resguardar-se do frio, do calor e das feras.

Foi, pois, na arquitectura que manifestou as suas primeiras tendencias artisticas.

Começou então a desenvolver-se e aperfeiçoar-se, tornando cada vêz mais resistente as suas habitações.

Se primitivamente as construira em sobterrâneos, as emprovisava sobre os lagos e em cima das árvores servindo-se da madeira, depois construiu-as de pedras sobrepostas e tão resistentes, que chegaram até aos nossos dias.

Mas não era só do abrigo que precisava; as féras atacavam-no e ele precisou das armas. Depois precisou de cultivar a terra e construir ferramentas.

Os legumes cresceram e precisou cosinhal-os e para isso teve de fazer louças. Foi então que o homem, aperfeiçoando o seu gosto artistico, começou a decorar essas louças de barro cosido, com simétricos desenhos. Depois, inspirado nessas decorações, quis enfeitar tambem o corpo e inventou a tatuagem. Veio depois a Idade da pedra pulida e ele, reconhecendo a sua utilidade, começou a desenhar nos ossos dos animais os contôrnos de alguns seres seus contemporaneos, como a Rena e o Mamute. E assim as artes decorativas ou artes menores, ocuparam já, nesse

periodo longinquo da humanidade, um logar de honra na sua civilização.

Mas o homem que nunca se sente satisfeito, pelo espirito ambicioso que o domina, começou a sentir-se oprimido e quiz alargar os seus dominios, procurando as regiões mais ferteis para apacentar os seus rebanhos.

Começaram então as richas entre os pastores e daí derivaram as guerras.

Neste ponto é que a arte começou a ter o seu maior desenvolvimento.

Era preciso construir fortalezas e adorar algum Deus, para proteger as cidades e os herois. E então as grandes muralhas foram levantadas pelos escravos e as estátuas dos deuses, esculpidas na pedra e na madeira, pelos escultores. O homem chegou então ao periodo das conquistas, começando a dividir a terra em impérios, a levantar monumentos, tumulos e palácios.

O primeiro império que se supõem ter sido fundado por Menés, foi o Egipto. A sua historia que remonta 5.000 anos antes de Cristo, foi talvez a mais grandiosa da antiguidade. Mas com o decorrer dos seculos, os terromotos, as guerras e as tempestades, apagaram-se os vestigios da civilização desse povo; apenas as Pirámides, a Esfinge, os Ménires, as ruinas de algum monumento, a Biblia, as lendas e os contos do povo, é que nos forneciam um conhecimento vago da sua hisforia. E se não fossem os grandes exploradores como Champolion, Mariette e Maspero que no principio do seculo XIX ali trabalharam, esse passado de tantas glorias onde Menés fundou a primeira dinastia ou império entre os indigenas da raça negra e vermelha, e onde a suserania faraonica mais tarde predominou, onde Keops e Ramsés deram largas ás suas ambições, ainda hoje seria ignorado. E sabeis onde esses exploradores foram estudar a civilização desse povo? — nas obras d'arte. Entrando nas Pirámides misteriosas, lá foram encontrar joias artísticas, estátuas de faraós, pinturas e desenhos representando as guerras, as crenças e o trabalho desse povo primitivo. E então, decifrando tambem a sua escrita hieroglífica, fizerem ressuscitar aos olhos da humanidade, a historia desses reinados.

Temos depois os caldeus e assirios, que tambem, até

aos meados do mesmo seculo foram quasi ignorados; e se não fossem os arqueólogos Botta, Place e Layard, os impérios dos sargónidas e de Nabucodonosor, não seriam conhecidos tambem; e essas assombrosas muralhas e os jardins suspensos da Babilonia, como os extensos e ricos palácios de Khorsabad e as maravilhas deslumbrantes da cidade de Ninive, estariam ainda hoje imersas num mistério.

Foi, pois, o escopro dos escultores assírios, que reproduzindo no granito esses sublimes géneos aládos, essa maravilhosa obra de vida e expressão como é a Leôa ferida, os costumes e as guerras desses herois, que revelaram aos arqueólogos e esses nos transmitiram a sua historia. Se não fossem, pois, encontradas essas obras d'arte, não saberiamos que esse povo foi supresticioso, caçador, usou barbas frizadas, roupagens exóticas e que foi, finalmenfe, o povo mais guerreiro da antiguidade.

Apareceram ainda outros povos que, por não cultivarem tanto a Arte ou a não protegerem, a sua história não é tão brilhante como a dos primeiros.

Os fenícios, por exemplo, que se dedicaram mais ao comércio, deixaram-nos poucos monumentos e esses mesmo imperfeitos, que dificilmente nos auxiliam o estudo da sua historia. Ainda assim conquistaram fama como industriais: os estofos tão admirados pelo bom gosto e pela ilegancia, serviram de modelo aos primeiros impulsos da Arte grega, e os vasos de prata e de bronze que se encontraram nas escavações de Tiro e de Chipre, eram ricamente decurados e tinham grande apreço nos mercados orientais. Mas onde mostraram mais perfeição artística, foi na industria do vidro, que excedeu em côr, transparencia e forma, ao fabricado pelos outros povos.

Ainda aqui, a-pesar-de serem pobres em Arte, nós verificamos que a historia desse povo tem o seu apoio na industria que não deixa de ser tambem uma Arte, se bem que em mais baixa escala.

Finalmente apareceu a Grecia que, antes de ter o explendor delicado dos seus palácios, a sua arte foi rude e pesada como a do Egipto.

Esse povo Ariano que invadiu a Asia Menor e passou mais tarde á Grécia, deixou-nos vestigios grandiosos, de construções gigantescas:

As muralhas ciclópicas de Tirinto, são obras de verdadeiros herculeos; a Acrópole de Sípila era feita com muralhas duplas de inormes pedras rectangulares.

Mais tarde, com a junção dos jónicos e dóricos apareceram os gregos com o seu gosto artístico, inventando ordens, proporções e ornamentos; e pela necessidade que tinham de construir templos aos seus deuses pagãos, adornaram o solo helenico com verdadeiras maravílhas arquitectonicas.

E' neste periodo tão brilhante que a historia se lê e estuda com mais amor, porque é nessa época que vemos a maxima perfeição dos intelectos e artistas.

As lendas desse povo, tão admiravelmente descritas nos poemas de Homero, despertaram no seculo XVIII a curiosidade dos arqueólogos. E foi então que, em 1870, o sábio alemão Schliman, estudando cuidadosamente a Ilíada e a Odisseia, foi encontrar em Hissarlik, onde se julga ter existido Ilion ou Troia, a uma profundidade de 17 metros do solo, armas de cobre, vasos e joias rudes, assim como muralhas ou alicerces de construções, que certificam a existencia dessa lendária cidade.

São, pois, os homens de talento que fazem duma aldeia uma cidade e dum territorio deserto, uma nação grandiosa.

Se o Egipto não tivesse um Keops e um Ramsés, se a Caldeia e a Assiria não tivessem um Nabucodonosor e um Sargão, e a Grécia um Péricles, não seria conhecido actualmente a sua historia.

Mas esses homens sós, independentemente, podiam fazer passar á posteridade os seus feitos? — Não. Esses imperadores da antiguidade seriam esquecidos assim como a sua historia, se outros os não imortalizassem.

— ¿ Quem foram, então, esses outros, esses géneos superiores que lhes continuaram a memoria?

— Os artistas; os grandes intelectuais.

Se não podessemos admirar ainda hoje no Egipto as gigantescas pirámides, a famosa Esfinge, os Colossos de Memnon, as ruinas dos Propilones e dos palácios de Ibsambul, se os Assirios, artistas inconfundiveis, nos não deixassem os seus baixos relevos, os seus géneos aládos, a sua escrita de caracteres cuneiformes, e se, finalmente a Grecia,

nos não legasse a mais alta ilevação do espirito humano, quer na Arte sublime do Partenon quer nas suas estátuas inegualaveis, e ainda na sua literatura e filosofia que tem servido de base para os poemas mais sublimes do mundo e para a civilização do povo, esse passado de tantas glorias que se desenrolara ha centenas de seculos, seria ignurado ainda hoje. Mas os artistas, esses magos e propulsores da humanidade, levantam-se dos tumulos e gritam-nos por intermedio das suas obras:

— As nossas Patrias não morreram ainda, porque o tempo ainda não pôde devastar o amor que lhe dedicamos.

E isso é verdade; nós o certeficamos e ainda mais: não só as suas Patrias não morreram como os seus filhos.

Fidias, Miron, Praxiteles e tantos outros artistas gregos não morreram nem morrerão, enquanto existirem estátuas como a Venus, a Vitoria da Samotracia, o Lacoonte, os frisos do Partenon etc.

E se Péricles, Alexandre Magno e tantos outros imperadores da Grécia ainda vivem tambem, é porque aqueles os imortalizaram.

Mas é preciso que não falemos sómente das artes plásticas: Homero, Plínio, Sócrates, Quintiliano, Cícero, Platão e tantos outros, levantar-se hiam dos tumulos para nos dizerem.

— E nós não existimos?

— Oh! se existis!... O vosso nome tambem está incluido entre os artistas; os vossos poemas e a vossa filosofia ainda hoje são a admiração da humanidade e ainda lhe serve de base e de guia para os seus vôos mais audaciosos.

Vós fostes e sois ainda, os mestres da humanidade.

II

Mas o homem, que evoluciona a materia, que transforma a pedra bruta em estátuas, que idealiza poemas, cria filosofias, sons harmonicos e realiza invenções, que faz mover quasi misteriosamente os mecanismos que transformam os seres inanimados em autómatos productores, é com efei-

to o mais perfeito, o mais sublime e o mais prodigioso dos seres viventes.

Mas todo o homem tem esses predicados, todo é digno de admiração?

Não. Só aquele progride ou que protege o progresso é que pode ter essas honras. E o homem para progredir precisa de amar e sofrer: precisa de amar para sentir um impulso na alma que o incite na esteira gloriosa do seu ideal, e sofrer para ganhar coragem e resistencia, porque já dizia Séneca: — Vencer sem perigo é triunfar sem gloria.

E como nem todos amam nem todos sofrem, só aqueles tem direito aos louros que tão dificilmente conquistaram.

Devemos, pois, lutar e lutar sempre; quer bafejados pela sorte, quer amordaçados pelo infortunio; e para isso devemos ter sempre no espirito, este pensamento de Fenélon:

— Os verdadeiros afectos, são toda a doçura e toda a amargura da vida.

Mas o homem, pelo motivo de se elevar a uma alta categoria social, não quer dizer que tenha conquistado os louros da gloria, assim como aquele que rasteja pela terra, e seja completamente inutil, que não mereça admiração.

A humanidade pode comparar-se á natureza.

Se o universo nos mostra diferentes aspectos; quer elevando-se em áridos e alterosos montes curvados de rochedos; quer em ferteis e extensos vales onde a agua sussura, as frondes nos afagam e as aves passam em revoada cantando alegremente; quer em desertos arenosos, decorados apenas com algum oasis, e a grande estensão dos oceanos numa convulção colérica de fantasmas animados.

Assim é a humanidade. Se a natureza nos apresenta diferentes aspectos: grandiosos pelas suas elevações, modestos mas cheios de vida, de frescura e alegria nos seus pequenos vales; arenosos e martirizadores nos desertos caniculares; e finalmente em um aspecto medonho e traiçoeiro nas aguas insondaveis dos mares, o homem tambem se apresenta com diferentes aspectos, que os podemos comparar aos da natureza: E' grande como as montanhas quando se eleva como estadista; é árido como os desertos quando o infortunio o domina; é medonha e colérico como as aguas

do mar, quando se declara em guerra, amarfanhando barbaramente a humanidade, como as cataratas traiçoeiras das vagas os potentes couraçados; e é finalmente fertil e admiravel como esses vales floridos, quando é pacífico e bom, e protegido pela sorte.

Mas essa grandiosidade e inferioridade do homem que se nos apresenta de tantas e variadas formas, consiste no vulto que nós vemos? — Não. O vulto ou o homem que nós vemos não é mais que um involucro de formas mais ou menos delicadas, no qual não consiste a personalidade.

O homem real, o verdadeiro simbolo do homem, não o vemos porque está oculto; só nos é premitido vel-o atravez da sua alma ou do seu intelecto: é grande, poderoso, rico ou pobre, segundo as suas acções.

Quem foi, por exemplo, o imperador de Roma, o brutal Nero?

A monstruosidade dos seus crimes é que nos fáz ver a sua grande, mas deploravel personalidade. E esse homem merecia o respeito da sua grandesa? — Não. Merecia o despreso da sua infamia. Ele, como muitos outros, representa as montanhas coroadas de rochedos.

Mas como as montanhas não são todas áridas, nem em todos os pincaros das alterosas serras há só rochedos, tambem nos grandes homens que se lhe comparam não há só crimes, mas tambem altas virtudes.

Assim como nos desertos arenosos não há só martirio, porque se encontram oasis, nos mares não há só traição e morte, porque tambem há bonança, e nos vales só fertilidade e vida, porque o martirio e a morte tambem aí existem, no homem que se nos apresenta á sua semelhança, encontramos tambem erros e virtudes nas suas diferentes posições.

Quantas vezes um artista ou um intelecto que elevou um estadista á categoria das montanhas é comparado a um deserto! E quantos generais que venceram batalhas para libertar o homem, são comparados aos mares; e quantos outros que prevertem a humanidade, são comparados aos vales deleitosos.

Vejamos, por exemplo, quem foi Camões: Camões, o maior poeta português que se enfileira nas primeiras linhas dos poetas mundiais, como Dante, Homero e Vergilio, o

cantor imortal da nossa epopeia foi pobre, viveu de esmola e morreu... talvez de fome e despresado.

Durante a vida foi um mártir; sofreu as torturas do ixilio; respirou esse ar palustre e doentio do Oriente, longe da Patria que tanto amou, e naufragando nuns baixos do mar da China, a custo conseguiu salvar o seu poema.

O infortuneo desse poeta não é tradição do povo, porque ele é quem o diz no seu poema, no canto sétimo, estancias 80, 81 e 82. Eis o que ele escreveu no ixilio, desalentado pelo sofrimento e lamentando a sua sorte:

Agora com pobreza aborrecida
Por hospicios alheios degradado;
Agora da esperança já adquirida
De novo mais que nunca derribada;
Agora ás costas escapando a vida,
Que de um fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o rei Judaico acrescentar-se.

E ainda, Ninfas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem,
Senão que aqueles que eu cantando andava,
Tal prémio de meus versos me tornassem.
A troco dos descansos que esperava,
Das capelas de louros que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram!

Vede, Ninfas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valorosos,
Que assim sabem presar com tais favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escritores
Para espertar engenhos curiosos
Para porem as cousas em memoria,
Que merecem ter eterna gloria!

Vede, pois, como o artista sofre para vencer na vida; e sabeis porque resiste a tanto sofrimento? — Porque ama, e quem ama não recua ante o martirio ou a morte. E não recua porque pensa e porque sabe, que vale mais a riquesa

de espirito no infortunio que a mediocridade na opolencia.

O que ama, sofre e vence, não é aquele que comparo aos vales deleitosos, é aquele que caminha num deserto, amando um oasis que vê ao longe. Esse não tem a frescura das aguas, a sombra dos arvoredos, nem o deleite dos panoramas enquanto vive; mas depois de cair sobre a areia escaldante do deserto, dominado pela fadiga, pela fome e pela cede; queimado pelo sol da injustiça e fulminado pelo despreso dos tiranos, os amigos que o esperavam nesse oasis delicioso sentindo a sua falta, procuram-no por toda a parte para o salvarem.

E então, ao encontrarem um trofeu inutil envolvido em pó e areia, levantam-no e transportam-no triunfalmente para um palácio grandioso.

Esse trapo esfarrapado, esse pendão vencido, é colocado com toda a pompa numa camara ardente. E juncado de flores e adornos alabastrinos, hei-lo no leito da morte, repousando num sono iterno.

E' Ele? E' o artista maximo da humanidade? E' o poeta que cantou as glorias dum povo?—Não. Esse corpo inanimado pode representa-lo, mas nunca substituil-o. Ele passou á posteridade indo habitar outras regiões mais belas, porque é inacieditavel que um homem tão grandioso, seja igualado aos mais preversos e até aos animais irracionais.

Vejamos a este respeito o que dizem os grandes sonhadores.

Rounsau, acreditando na existencia da alma, diz o seguinte:—Todas as subtilezas da metafísica não me poderão nunca fazer duvidar um só instante da existencia da minha alma; eu sinto-a, eu creio-a, eu espero-a, eu quero-a, eu heide defende-la até ao ultimo instante.

Maximiano Robespierre diz tambem:—Os bons e os maus desaparecem da face do mundo, mas não na mesma condição: a morte não é um sono eterno; é o principio da imortalidade.

Napoleão I, envaidecido com a sua gloria, respondeu um dia aos materialistas desta forma:

—Afastai-vos: não quero nada com quem se julga um punhado de lama ou quer persoadir-me que eu sou lama;

com quem se julga um bruto e quer convencer-me de que eu tambem o sou!

Lacordaire foi ainda mais longe dizendo:

— Para trás, canalha de doutrina! Tu não poderás nunca persoadir-me que o géneo de Miguel Angelo e Rafael não era senão um producto de matéria organica, e que o coração dos herois mártires da Patria, recebe as pulsações dum mecanismo como o que produz as oscilações da pendola. Tu tornas impossivel toda a grandeza e toda a virtude.

O P.e Montefeltro diz tambem no seu sermão, referindo-se á espiritualidade da alma:

— O homem pelo seu corpo, não é senão um átomo no universo, mas a sua alma espiritual, torna-o o rei da criação, o dominadar da materia. E' a alma que inspira a Arte e pela Arte transfigura a materia.

Por isso, que importa que um vulto humano nos pareça insignificante no seu aspecto? Para que nos desviamos ou desprezamos muitas vezes um esmoler, só porque anda esfarrapado e sujo, e vamo-nos juntar aquele que traja ricamente, ostentando valiosas joias e orgulhando-se de grande poderoso?! Não será muitas vezes o primeiro mais rico que o segundo?

Quantas vezes debaixo da escoria do monturo se encontram valiosos tesouros!

O fato do homem pode ser velho e sujo, mas a sua alma ser brilhante como o sol; ao passo que o outro que se diz muito rico e poderoso, pode ter uma alma preversa, que o torne abominavel. A serpente que passeia garbosamente orgulhando-se da sua linda pele, é temida por todos, porque esconde o seu veneno e a sua traição. A pobreza não é uma desonra, mas sim, uma infelicidade, que não impede a grandesa nem o respeito.

Devemos, pois, prescrutar o intimo do homem e então, no ámago sonhador do seu intelecto, nós iremos encontrar as suas virtudes e os seus erros. E quando, nesse estudo psiquico, verificarmos que existem scentelhas de talento, devemos chamal-o ao caminho da vida, conduzil-o á escola e protegel-o; quer espiritual, quer materialmente, porqe esse como acabais de vêr, é que é o verdadeiro homem, porque sem ele não haveria progresso nem história.

São, pois, os artistas e os intelectuais, os inspiradores e prepectuadores da historia. Se Camões não escrevesse os Luziadas, a nossa historia não seria tão divulgada. Ele fez conhecer a todo a mundo, que os portugueses foram grandes entre os maiores.

E' preciso, portanto, proteger a Arte, facilitando ao artista tudo que lhe seja preciso para progredir, porque Ele, geralmente, é sempre pobre.

Se os papas Julio II, Leão X, Paulo III e ainda os medices de Florença não protegessem os geneais artistas como Miguel Angelo, Rafael, Leonardo de Vince e tantos outros, a Idade Média não se harmonizaria com o explendor das deslumbrantes catedrais goticas, e a Renascença não iluminaria o espirito do homem, para esses triunfos grandiosos da Arte e da sciencia.

III

Depois destes devaneios pelas longiquas paragens do idealismo, eu quero saudar Barcelos com duas palavras amigas.

Estes simples apanhados da historia universal, esta elevação grandiosa do espirito humano que acabo de vos ler veío a proposito desta exposição de Arte e dos intelectuais desta terra.

Se a antiguidade nos legou uma Arte sublime, uma filosofia modelar e uma literatura grandiosa por intermedio dos seus artistas, Portugal legará á posteridade por intermedio tambem das suas obras; quer heroicas, intelectuais ou artisticas, a sua historia brilhante, entre as mais brilhantes.

E como esta cidade, a princesa do Cavado, foi em tempos idos uma gloriosa fortaleza, eu não posso deixar de a saudar, assim como aos seus filhos.

Os pregaminhos que vos honram, bem conhecidos de todos nós, bem como de todos os portugueses que se presam de conhecer a historia da sua Patria, ainda hoje ressaltam a nossos olhos nas ruinas dos seus Castelos e venerandos solares.

Foi dentro desses solares e em volta das muralhas, ve-

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA

tustas fortalezas dos seus Castelos, que pulsaram corações de reis e de herois, quer sonhando com a grandeza da Patria, quer exalando o ultimo suspiro, trespassados pelas lanças inimigas.

O sangue desses herois, que jurou pelos caminhos e quebradas da Franqueira, sente-se ainda pulsar nas veias dos seus irmãos, incitando-os a honrarem a memoria dos seus ante-passados.

Essa pléiade de artistas e intelectos celeberrimos que se espalharam, não só na nossa Patria mas tambem pelo estrangeiro, teem sabido impor se p e l a bizarria do seu patriotismo.

Barcelos no entanto não se esquece de lhe render homenagem. Se D. Antonio Barroso, que ha pouco festejastes, foi grande como apostolo, outros os são tambem como estadistas, poetas, literatos, e numa palavra, como artistas.

Esta homenagem tão simples que vos faço, assim como ao moço pintor Manuel Gonçalves Torres, é somente para vos lembrar que este novo artista, será mais uma flôr a juntar á corbeille gloriosa dos talentos da vossa terra.

Termino abraçando o moço artista, e desejando-lhe novos e mais audaciosos triunfos.

Barcelos, 15 de Setembro de 1931.

biblioteca municipal barcelos
60072
A arte na história dos povos